

EDITORIAL

O convite para escrever esse editorial me fez refletir, de maneira mais direta, sobre as circunstâncias específicas que estamos vivenciando em nosso país e suas relações mais do que incisivas sobre a educação e, de maneira mais ampla, sobre a própria produção do conhecimento científico. Em momentos de ataques abertos à educação crítica, faz-se necessário refletir sobre o papel do pesquisador e a divulgação da ciência que, mais do que nunca, tornam-se essenciais a partir da defesa de um conhecimento que ultrapasse os limites dos muros dentro dos quais é produzido, estimulando reflexões que possibilitem a pluralidade de ideias e a liberdade de expressão e pensamento.

O movimento “escola sem partido” e os projetos de leis tramitados por seus defensores nas câmaras municipais e estaduais e na câmara de deputados federais têm ganhado força ao redor do Brasil partindo de um falso princípio da neutralidade do conhecimento, definindo como ideologia qualquer tendência crítica que se situe de maneira distinta da prezada por seus autores. O ponto é que, ao proibir discussões específicas de algumas questões, também se está tomando posicionamento além de retratar de maneira equivocada o esforço de ensinar sobre assuntos fundamentais ao estímulo da criticidade. Por isso, proponho a reflexão: não é papel do conhecimento e da ciência estimular o pensamento autônomo capaz de transformar a realidade? Ou queremos retornar a uma concepção mecânica de conhecimento no qual esse se reduz à simples transmissão de informações imputando a ciência um fim em si própria?

Já há algumas décadas diversas associações científicas, universidades e centros de pesquisa têm mostrado a importância de uma perspectiva ampliada de conhecimento que possibilite a percepção da sociedade atual e como nos inserimos nessa. Essas instituições de ensino, principalmente as universidades, têm como marca a interação entre inúmeros saberes heterogêneos e entre seus compromissos figuram suas ações de pesquisa, ensino e extensão, consideradas como bases do ensino superior. A estratégia para levar a cabo essa tríade se baseia na efetiva relação recíproca entre academia e sociedade seja para possibilitar ao indivíduo que se situe historicamente, que se

identifique culturalmente ou para referenciar sua própria formação com os problemas que um dia terá de enfrentar¹.

A Reforma Universitária realizada em Córdoba, na Argentina, no ano de 1918 merece destaque nesse processo por representar um movimento liderado por estudantes que defendeu a compreensão da extensão enquanto uns dos pilares da universidade, pressionando as instituições de ensino a assumir responsabilidades na transformação social de acordo com uma perspectiva democrática e popular. A proposta defendida naquele contexto era de pensar a prática de extensão não como proposta social compensatória mas insistir na indissociabilidade do tripé aqui já citado como finalidades da universidade que deveria ter como base a própria contribuição para o desenvolvimento regional e nacional.

Uma das características da própria universidade é a de ter respondido as próprias mudanças culturais de seu tempo histórico, já que o modelo de universidade existente hoje começou a ser constituído a partir da Modernidade e de sua base assentada na racionalidade científica, deflagrada pela Revolução Científica do século XVI. Aqui destacamos, portanto, um novo paradigma: a necessidade de interação entre estas instituições e a comunidade, reforçando os objetivos da produção científica que agora devem ultrapassar as barreiras acadêmicas contrapondo-se ao antigo modelo positivista que, ao basear-se na racionalidade, concluía que, de forma mecânica, o conhecimento teria um fim universal em si².

Permito-me aqui mais uma analogia relacionada com a finalidade do conhecimento. A noção de conhecimento como “última morada do destino”, parafraseando Carl Sagan, nos remete aos titãs da mitologia e a dicotômica relação entre o real e o ideal: no qual o conhecimento era detido exclusivamente pelos Deuses e aos humanos restava esperar pelo destino, já que a falta de diálogo entre as duas esferas impossibilitava que o conhecimento se constituísse em meio para alcançar distintos

¹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: MEC/CRUB, 1999. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

² O positivismo é uma corrente filosófica surgida na França no século XIX, que teve como principal nome Auguste Comte, que o compreendia como uma doutrina filosófica, sociológica e política propondo, de maneira geral, o conhecimento científico como única forma de conhecimento verdadeiro e como forma de alcançar o progresso a partir da razão.

fins³. Quando o conhecimento é encarado como “última morada do destino” ele se torna, portanto, inútil. E é contra essas tentativas, que ainda persistem, de tornar as reflexões inutilizadas ou mesmo exclusividade de determinados indivíduos que devemos nos posicionar e reagir.

Os meandros da vida em sociedade geram infinitas possibilidades reflexivas e são questões que ocupam lugar prioritário para aqueles que se aventuram pelas Ciências Sociais Aplicadas. É o desejo humano de modificar e interagir com o meio social que corporificam o sentido das pesquisas realizadas por essas áreas que transformam práticas cotidianas em objetos de trabalhos e pesquisas. Estes colocam as questões sociais em destaque buscando desvendar as conseqüências da vida em sociedade e, justamente por isso, devem voltar-se para a comunidade em uma perspectiva de troca, e de encarar que o conhecimento deve ser utilizado também para modificar a realidade. Essa necessidade de uma ligação direta entre instituições de ensino e a comunidade preza por uma relação dialógica que além de não hierarquizar os distintos saberes, se proponha a democratizá-los.

A grande questão em torno do conhecimento é saber para o que serve e como é utilizado. Dentro da perspectiva de expandir os muros institucionais, a divulgação científica representa um papel de suma importância para que se adquira conhecimento sobre pesquisas realizadas e para que os próprios pesquisadores tenham momentos de diálogo, permitindo que o conhecimento se faça muito mais do que por indivíduos fechados em suas próprias pesquisas. Essa criação de diálogo é uma demanda que atende, mais uma vez, ao tripé ensino-pesquisa-extensão buscando cada vez mais construir universidades democráticas envolvendo, a partir da criação de uma cultura científica, instituições de pesquisa, universidade, comunidade, governo, estudantes, educadores dentre tantos outros.

Esse movimento de ampliação é um desafio que deve, entretanto, ser encarado em todas suas complexidades. Destacamos o papel das revistas científicas que tem como proposta central estimular pesquisas e debates que tangenciam todas estas reflexões, como é o caso da OIKOS. A publicação de trabalhos científicos não só de Economia Doméstica, mas também de áreas correlatas tem como objetivo contribuir no

³ Carl Sagan foi um cientista, com muitas especialidades, que durante sua vida foi um grande defensor do ceticismo e do uso do método científico, considerado um dos maiores divulgadores da ciência.

seu desenvolvimento e fazer coro a tudo que foi dito até agora a partir do estímulo de pesquisas e estudos que possibilitem o intercâmbio e o trabalho conjunto entre pesquisadores e além da divulgação de temas de importância vital para o bem-estar tanto social quanto econômico da família bem como da comunidade, de forma mais ampla.

Dentro dessa perspectiva, essa edição da revista representa mais um esforço de ampliação destes intercâmbios e diálogos propostos aqui a partir da reunião de artigos que, com temáticas distintas, demonstram possibilidades fecundas de pesquisas dentro das Ciências Sociais Aplicadas. Desde reflexões sobre políticas públicas e de assistência social, passando por condições de trabalho, identidades de grupos específicos e alcançando temas como empreendedorismo e condições e qualidade de vida e serviços, seja no campo ou na cidade: os autores presentes nessa edição reforçam o amplo leque temático abarcado pelos estudos desta área além de reforçarem o compromisso de nossa revista.

Patrícia Oliveira de Freitas

Professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFRRJ

Doutora em Educação pelo PPG-Educação da UFF

Mestre em Economia Doméstica pelo PPGED da UFV

Graduada em Economia Doméstica pela UFRRJ